

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO NO DISCURSO DE DOCENTES LEITORES DOS LIVROS DE AUTOAJUDA:

Uma contribuição pedagógica curricular?

Silvia do Socorro Celusso (ISEAC) - silviahelp@gmail.com

Resumo:

O estudo objetivou investigar que sentidos são atribuídos, por professores do Município do Rio de Janeiro, à literatura denominada autoajuda, preferida e indicada para os docentes novatos. Para as análises dos discursos das obras citadas recorreu-se aos pressupostos da Retórica de Perelman (2002), como instrumento metodológico articulado com a teoria das representações sociais de Moscovici (1978). Os resultados permitiram identificar que este segmento literário pertence ao Gênero Epidítico, pois louva e censura valores defendidos por diferentes auditórios, atendendo assim as demandas dos leitores segundo seus valores, crenças e atitudes. Permitiu identificar a existência de uma divisão nítida desses livros segundo o gênero de suas audiências: masculino e feminino. Esta divisão encontra-se expressa nas imagens das capas dos livros. Os livros expressam a dissociação do humano em duas essências: a feminina e a masculina, que se ancora na representação social hegemônica de gênero.

Palavras-Chave: Livros de autoajuda; Trabalho Docente; Representação Social.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF GENDER IN SPEECH OF TEACHERS READERS SELF-HELP BOOKS: A PRATICAL PEDAGOGICAL CURRICULUM?

Abstract:

The studies aimed to investigate the meanings are assigned by teachers in the municipality of Rio de Janeiro, concerning the reading of selected and recommended for novice teachers. It was used Rhetoric from Perelman (2002) as well as Social Representation studies from Moscovici (1978) as a methodological instrument. The results allowed the identification of the argumentative techniques used by the authors of such kinds of books that belong to the Epidictic genre, in which occurs worship and critic of values defended by different types of audience, pleasing thus, the demands of readers according to their values, beliefs and attitudes. It portrayed that there is an obvious division into male and female audiences. This sexist division is clear in the covers of the publications. By doing so, these books dissociate human beings into two categories: male and female, in which is anchored on the hegemonic social representation of gender.

Key-words: Self-help books; Teaching work; Social Representation.

Introdução

As mudanças ocorridas no atual cenário mundial têm contribuído em grande parte para a produção de trabalhos e discussões no campo da educação, cujo foco está ligado às questões relacionadas com a profissão, formação, trabalho e às práticas curriculares de docentes no cotidiano escolar contemporâneo. Nesse quadro de transformações, também se acentuam questões relacionadas às diferenças de classe, de religião, de etnia, de gênero e de identidades, entre outras, que chegaram à sala de aula levando os profissionais de educação a buscarem alternativas para o enfrentamento dos aspectos desfavoráveis da profissão, sendo comuns as manifestações discursivas que transformam a prática do 'ser professor' em um grande obstáculo: desvalorização e precarização da profissão, acúmulo de funções, carências físicas e emocionais dos alunos e a violência interna nas escolas.

Neste contexto, Canen (2008) argumenta e aponta dimensões que merecem ser avaliadas, levando-se em conta que no espaço escolar se realizam fenômenos multiculturais, que merecem ser apreendidos e compreendidos. Ou seja, dialogar sobre suas próprias ações de forma a contribuir para a melhoria destas relações como: promover e incentivar discussões sobre questões educacionais, no intuito de provocar atitudes que possam suscitar preconceitos e identidades silenciadas nos discursos; conhecer e analisar o contexto das diferentes identidades institucionais onde se processa a formação, bem como buscar a articulação com a pesquisa, possibilitando reconhecer este espaço como um lugar multicultural.

As dificuldades e lutas que se fazem presentes no contexto escolar contemporâneo têm levado professores a recorrer, por vezes, a 'ferramentas de apoio', como a literatura de autoajuda, ao invés da pedagógica na busca de orientação e apoio de suas práticas docentes.

Apoiada neste campo fértil de discussões e argumentos, que visam justificar as dificuldades que os docentes encontram no contexto escolar contemporâneo, surgiu a

Debates em Educação

idéia de pesquisar, no Mestrado, o fenômeno 'autoajuda'. Ao analisar os dados, a pesquisadora observou que, quando perguntados como se atualizavam e quais leituras escolhiam como significativas para suas vidas e para seu trabalho docente, 50,81% dos professores mencionaram espontaneamente os "livros de autoajuda" de diferentes autores e temas como leituras recentes. O alto índice de menção a esses livros, por vezes de cunho religioso, dentre eles os espíritas, surgiu nas entrevistas; enquanto os livros didáticos e dos principais teóricos da educação foram pouco mencionados. Quando isso acontecia, nem sempre conseguiam ligar a obra ao autor ou ao citarem o autor, não denominavam suas obras.

A inquietação neste caso era tentar descobrir: porque os professores buscam nos livros de autoajuda orientações para enfrentarem nas escolas os desafios da profissão? Na revisão de literatura sobre este tema, no campo da educação, foram encontradas poucas pesquisas.

Considerando o reduzido número de trabalhos e que, além disso, não abordam o tema sob o olhar da Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002), acreditamos que esta pesquisa se justificou na medida em que contribuiu para a reflexão do fenômeno no âmbito da argumentação, acreditando que argumentar é influenciar através de discursos visando à adesão de diferentes auditórios. E considerando que os diferentes discursos dos docentes estão carregados de sentidos (valores, crenças e ética) que justificam suas preferências de leituras e que os livros, através de suas capas, apresentam-se para gêneros diferentes (masculino e feminino). Entendo que combinar as análises deste estudo com a perspectiva multicultural, com relação ao gênero, valorizou este estudo sob o olhar da diversidade cultural.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, na qual Patton (1986, *apud* ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNADJER, 2004, p. 131) afirma ter por pressuposto: "[...] que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado".

Debates em Educação

Assim, o presente artigo busca levar contribuições a um tema que tem produzido uma grande quantidade de discussões no campo da Educação, cujo principal foco é o de conhecer melhor questões relevantes voltadas à formação, o trabalho e práticas docentes no cotidiano escolar, bem como conhecer que outros sentidos são atribuídos a este tipo de literatura, que justifiquem as preferências dos docentes.

Diante do contexto acima delineado, os estudos da retórica como instrumento metodológico apresentou-se como uma contribuição ao estudo da apreensão das representações sociais, como critério para selecionar e analisar os significados encontrados nas imagens das capas dessas obras direcionadas a diferentes auditórios, assim como apresentar os elementos relevantes das representações sociais de “vida social” e “profissional”, sustentadas pelos professores.

O self-help: um manual de conduta

Nas últimas décadas, o gênero literário denominado autoajuda transformou-se em fenômeno de vendas no mercado editorial brasileiro e mundial. Digite a palavra felicidade no sistema de busca *online* de qualquer livraria e em poucos segundos surgirão dezenas de obras prometendo receitas infalíveis para entender o seu significado, conquistá-la ou mantê-la, seja no ambiente de trabalho, nas relações familiares ou nas amorosas (COVALATTI, 2002).

Para Asbahr (2005), as prateleiras das livrarias são inundadas com este tipo de produção literária todos os anos. Na concepção de Rüdiger (1995; *apud* ASBARH, 2005, p. 23) autoajuda trata-se de:

[...] um conjunto de práticas articulado textualmente que, embora variado em sentido e campo de aplicação baseia-se em um mesmo motivo, no princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas. O denominador de todas elas é um individualismo segundo o qual o indivíduo precisa procurar dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades de vida. Os problemas com que luta,

Debates em Educação

embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal que não tem nada haver com a sociedade.

Para o mercado livreiro do país ainda não há um consenso em como categorizar o gênero autoajuda como categoria literária, mas os consumidores espontaneamente utilizam aquela designação. É fácil perceber a indecisão quanto à categorização dos livros quando se pesquisa nas listas dos livros mais vendidos, que semanalmente são apresentadas nos periódicos de circulação nacional. Nestas listas, há três categorias: ficção, não-ficção e autoajuda. Esta última recebe, conforme a publicação, subdivisões: medicina alternativa, mentalismo, neurolinguística e relações interpessoais; em outras: religiões, desenvolvimento pessoal e espírita.

A imprecisão da categoria é sintoma de sua natureza; mas o uso da palavra 'autoajuda' figurar em todas as listas sugere que não importa se o assunto é espiritualidade ou dinheiro, pois de uma maneira ou de outra, os livros que figuram nessa relação procuram colaborar para o êxito pessoal ou profissional de seus leitores. Essa ambiguidade dificulta, em muito, as estatísticas de vendas segundo os gêneros, mas isso não parece ser um obstáculo para os opositores que sempre salientam a enormidade dos livros vendidos.

Com a preocupação legítima de vender, as editoras dão aos livros de áreas tão díspares como administração, moda e esoterismo uma embalagem parecida, com títulos que sugerem uma resposta utilitária e simples para os problemas (BIRDERMAN, 2004).

Segundo Asbahr (2005) e Rüdiger (1996), as obras de autoajuda têm um pai e uma data de nascimento. O pai foi Samuel Smiles¹, médico escocês que escreveu um manual para ensinar à classe operária como chegar ao sucesso individual; a data de nascimento: 1959; nome de batismo: *Self-Help* (Autoajuda).

¹ Samuel Smiles nasceu na Escócia e viveu entre 1841 e 1904. O principal livro de sua autoria *Self-help*, foi publicado em mais de oito línguas, dentre elas o árabe e o japonês, confirmando o interesse e expectativa de leitores em outros países. Foi um verdadeiro sucesso de vendas, chegando a ser impresso cinquenta vezes.

Debates em Educação

Lopes; Felizardo e Ranhel (2008) afirmam que com o passar dos anos, a noção de autoajuda sofreu diversas alterações, pois além de um tipo de discurso e literatura, passou a ser uma tendência de comportamento. Seu objetivo deixou de ser a formação do caráter, passando a ser a mudança espiritual e psicológica em que o indivíduo obtenha sucesso e realização pessoal. Brunelli (2004) afirma que a literatura da autoajuda transformou-se em uma espécie de manual de sobrevivência para o homem pós-moderno, oferecendo supostas receitas contra a angústia, o medo, a falta de confiança própria, como se realmente pudesse resolver os problemas do sujeito contemporâneo que, perdendo as antigas referências, precisa que lhe digam como gerir sua vida.

Para seus críticos, é apenas um negócio lucrativo; enquanto, para outros, um “fenômeno social” que merece uma análise dos novos contextos sociais, culturais e políticos que influenciaram e ainda influenciam no comportamento dos leitores e os levam a buscar apoio neste tipo de leitura

Para alguns autores como Marthe (2002), historicamente, os momentos de pico da ‘autoajuda’ coincidem com as épocas de crise e de mudanças de comportamento. Assim, não se pode negar que vivemos num mundo marcado por crises que vão desde transformações sócio-econômicas e político-culturais até científicas e que nos colocam a pensar e repensar sobre valores, conceitos e atitudes. É nesse sentido que a modernidade parece ter gerado uma crise de identidades transformando a vida em sociedade, como afirma Bauman (2000, p.8):

A modernidade líquida nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela ‘vida em sociedade’ exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos.

Rodrigues (2004), sem se referir à “modernidade líquida”, afirma que com as mudanças trazidas pelo mundo moderno trouxe a reboque os livros de autoajuda que prometem facilitar o manejo de todos os fatores que nos incomodam. Desse modo, o sujeito volta-se para si próprio, numa tentativa de sobreviver subjetivamente ao seu

Debates em Educação

mal-estar, outrossim, para que possa enfrentar as adversidades do mundo contemporâneo, do progresso técnico e científico, da competição e do consumo exagerado. Enfim, para enfrentar esse mundo que reserva aos homens um futuro incerto (CHAGAS, 1999). Isso porque, aqueles livros são manuais que apresentam:

[...] uma metodologia para conquista do sucesso material, isto é, riqueza e poder; um conceito a respeito da auto-realização pessoal e sobre os meios de como obtê-la; uma dimensão transcendente, que vincula a realização individual à ordem moral que rege o universo (CAWELTI, 1979, p. 151).

Fazendo referências à literatura de autoajuda, pode-se dizer que ela teve início, como vimos, em meados do século XIX, no momento em que se caracteriza o culto à singularidade do indivíduo moderno, quando este passa a ter como até então nunca visto, um valor supremo e central na cultura do Ocidente. Ela nasceu como resultado do desenvolvimento do individualismo moderno e do deslocamento dos referenciais coletivos para o individual, ou seja, surgiu e se desenvolveu como um fenômeno cultural de massa pelo que caracterizou as estruturas modernas das sociedades industriais (ou, como dizem alguns, pós-industriais) capitalistas em seus novos modos de produção industrial: produção em massa (que pode ser aqui correlacionada como a indústria cultural), pelo funcionamento do regime capitalista do mercado, do consumo e, sobretudo, do recalçamento da cultura tradicional pela qual o sujeito já não mais pode orientar-se, visto que, os referenciais coletivos não oferecem mais um mundo seguro, ordeiro e estável. Ou, no dizer de Sader (2004), “os livros de autoajuda exploram essas condições cruéis e desacreditam as soluções coletivas, vendendo ao leitor normas individualistas de sobrevivência na selva”.

Dessas críticas, passa-se facilmente para a da indústria editorial que soube aplicar a fórmula para se aproveitar da apatia e do abatimento moral desse angustiado público-alvo: letras grandes, textos curtos, ilustrações à farta, gente bem sucedida e sorridente exposta em capas multicoloridas, um tênue verniz de cientificidade e, acima de tudo isso, um otimismo simplista e consolatório expresso por meio de formas leves e didáticas, como a parábola e o aforismo (LIMA, 2004).

Debates em Educação

Contudo, a censura mais forte não é a de tais livros serem simplistas nem polissêmicos, mas o de apesenar um verniz de cientificidade, o que é fato. Também parece fato que a situação de desamparo constitua terreno fértil para as mais variadas maneiras de encontrar consolo e saída para os problemas.

Não procuramos com isso, justificar os autores, mas chamar atenção para o tema.

O Gênero retórico do discurso da “autoajuda”

Os livros de autoajuda constituem um gênero literário, assim categorizado e denominado pelas diversas mídias, identificando-os como fenômeno de mercado editorial, em que os autores indicam um conjunto de práticas articuladas textualmente para que os leitores procurem dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades de vida pessoal e profissional. O discurso de autoajuda geralmente sustenta que o segredo para que alguém melhore sua vida, alcance o sucesso, ganhe dinheiro, está na crença incondicional de que pode realizar seus sonhos, seu projeto de vida, seus desejos (BRUNELLI, 2004). Nas séries de enunciados encontrados neste gênero destacamos alguns:

1. Os sonhos são os mapas dos navegantes que procuram os novos mundos. Na busca dos seus sonhos você terá de construir um novo saber, que eu mesmo não sei... E seus pensamentos terão de serem outros, diferentes daqueles que você agora tem (ALVES, 2000, p. 85).
2. Uma brilhante mãe com uma mão balança um filho, com a outra muda o mundo. Um deslumbrante professor com uma mão escreve na lousa, com outra move a sociedade (CURY, 2007, p. 150).
3. A construção da felicidade depende da capacidade de absorver a frustração e usufruir os ganhos e aprender com tudo isso (TIBA, 1995, p. 115).
4. Ser educador é ser promotor de auto-estima (CURY, 2003, p. 145).
5. Neste livro, vou mostrar-lhe passos específicos para atrair mais a boa sorte e limitar sua má sorte (MYERS, 2006, p. 14).

Debates em Educação

Esses argumentos constituem-se em torno de metáforas (em 1 e 2); de uma definição estipulativa: o que se deve fazer (em 3); de uma definição ontológica (em 4, utilizando uma palavra inglesa que apresenta certo impacto no auditório); de uma afirmação a respeito de regras para obter algo (no caso 'boa sorte', em 5). São técnicas retóricas que instituem o que se diz ser o real (no caso das metáforas e da definição estipulativa), que buscam persuadir o leitor por apresentar um modo de fazer promissor (em 5). Caso os leitores adiram aos argumentos, então julgarão que têm em mãos 'um mapa' para chegar a um 'novo mundo', aquele apresentado pelo autor. Esse gênero institui valores, censura e louva o que se considera preferível ter e/ou fazer em certo momento e para certos grupos sociais.

Neste gênero literário os autores dirigem-se explicitamente a auditórios, segundo suas características (sexo, idade, local de trabalho, tipo de trabalho), o que se encontra marcado nos discursos, com a finalidade de obter a adesão total aos modelos propostos. Seus leitores buscam suas obras, participam de suas conferências, vão às livrarias para saber das novidades, conversam com seus colegas e amigos a respeito da última publicação. Em suma, os autores são autoridades para o grupo social, pois vocalizam o que ele julga ser desejável, os valores que sustentam. Os autores persuadem porque falam a língua dos grupos, sendo a análise retórica um instrumento adequado para identificar os valores sustentados pelos leitores.

Para muitos, a retórica é mera manipulação e ornato estilístico; uma forma de discurso mais ou menos vazio de conteúdo fundado no artifício psicológico com fins propagandísticos e não na argumentação de princípios e valores que se nutrem de um raciocínio crítico válido e eficaz (ALEXANDRE-JÚNIOR, 2004).

Contudo, a partir da obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) ocorreu a restauração da retórica, que adquiriu ao seu antigo estatuto de teoria e prática da argumentação persuasiva, corrigindo aquela noção enganosa e negativista (ALEXANDRE-JÚNIOR, 2004). Tanto que no Dicionário de Análise do Discurso, Charaudeau e Maingueneau (2006), definem a Retórica como:

Uma ciência teórica e aplicada do exercício público da fala, proferida diante de um auditório dubitativo, na presença de um contraditor.

Debates em Educação

Por meio de seu discurso, o orador se esforça para impor suas representações, suas formulações e para orientar uma ação (CHARAUDEAU e MAINGENEAU, 2006, p. 433).

Note-se que esta definição não mais apresenta o caráter pejorativo que foi comum durante muito tempo.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e Reboul (1998, XIV), a retórica é a arte de argumentar e persuadir pelo discurso, que pode ser uma produção verbal, escrita ou oral, e constituído por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e que apresente um sentido. Neste sentido, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 15):

[...] a distinção entre o discurso que se dirige a qualquer um e os que seriam válidos para todos, permite melhor compreender o que opõe o discurso persuasivo do que quer convencer. Em lugar de considerar que a persuasão dirige-se à imaginação, ao sentimento, em suma ao autômato, enquanto que o discurso convincente apela para a razão, em vez de opor um ao outro, como subjetivo ao objetivo, pode-se caracterizá-los, de uma maneira mais técnica, bem como mais exata, dizendo que o discurso dirigido a um auditório particular visa persuadir, enquanto que aquele que se dirige ao auditório universal visa convencer.

O domínio das técnicas retóricas permite apreender o que as pessoas consideram desejável em diversas situações. Saber analisá-las é importante porque elas são empregadas por todas as pessoas no cotidiano, de modo consciente ou não, em situações formais ou não. Em Psicologia Social, assim como nas demais Ciências do Homem, o domínio das técnicas retóricas permite maior acuidade na exposição do que as pessoas pensam e sentem em uma dada situação. Uma pessoa pode ser reconhecida como autoridade diante de um grupo, mesmo tendo se mostrado incapaz de resolver conflitos, por exemplo. Seu poder não provém de algo externo ao *ethos* do grupo, por isso é preciso apreender os valores que ele defende (MAZZOTTI; ALVES-MAZZOTTI, 2009).

As obras de autoajuda apresentam aos leitores um conjunto de argumentos que censuram e louvam o que se considera preferível fazer ou ter, o desejável, prometendo tornar melhor a vida pessoal e profissional, persuadindo-os que a busca da felicidade está ao alcance da mão por meio de receitas apresentadas. Trata-se,

Debates em Educação

portanto, de um discurso voltado para provocar ou aumentar a adesão às teses apresentadas por seus autores, para os auditórios particulares, segundo as observações de Perelman (1993), pressupondo que torna-se necessário um contato entre o orador e seu auditório, o discurso precisa ser escutado, e que um livro seja lido.

A maioria das publicações de autoajuda baseia-se na valorização da estima do indivíduo, pregando a ideia de que o sucesso depende de ações que estão ao alcance de todos. Por censurarem e louvarem o desejável para o grupo, então os livros de autoajuda pertencem ao Gênero Epidítico que tem por referência auditórios particulares, aos quais seus oradores buscam persuadir.

O epidítico busca estabelecer a coesão grupal, e pode ser considerado, segundo Kennedy (1998, *apud*: MAZZOTTI, 2007, p. 12 a 15) “como uma prática arcaica, que remonta aos animais sociais”. Mais adiante (p.20), o autor sustenta:

Epidictic is the most problematic of the traditional Western species of discourse, that in which an audience is not called to make some specific judgment or take some specific action. [...] Some speeches console or inspire an audience by instilling or renewing values and beliefs and a sense of group identity².

O significado da identidade do grupo sustenta-se em suas crenças coletivamente produzidas e historicamente determinadas, as que não podem ser postas em questão por constituírem o fundamento do modo de vida e do sistema de valores do grupo (cf., MAZZOTTI; ALVES-MAZZOTTI, 2009).

O discurso epidítico dos livros de autoajuda se propõe a auxiliar e confortar por meio de exemplos, regras e condutas a vida de um indivíduo ou para uma instituição. Ao elogiar pessoas, cidades, nações, figuras sobrenaturais, animais e coisas estabelece um modelo a ser seguido. Essa ‘modelagem’ das condutas será persuasiva caso tenha

² O discurso Epidítico é o mais problemático da espécie ocidental tradicional do discurso, em que uma audiência não é chamada para fazer algum julgamento específico ou tomar alguma ação específica. [...] Alguns discursos consola ou inspira uma audiência por incutir ou renovar valores, crenças e o senso da identidade grupal.

Debates em Educação

por alvo auditórios particulares que já admitem os fatos, os valores e crenças. Por essa razão, a análise retórica dos livros de autoajuda precisa explicitar os auditórios para os quais eles são persuasivos.

Os livros de autoajuda parecem falar ao auditório universal, para qualquer auditório. No entanto, identificamos dois auditórios: o feminino, constituído em sua maioria por professoras e educadoras em sentido extenso; e o masculino constituído por gestores ou administradores (corporativo).

A Representação Social dos diferentes auditórios, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar, é dinâmica, móvel. Ao mesmo tempo, diante da enorme massa de traduções que executamos continuamente, constituímos uma sociedade de sábios amadores. Em suma, os livros de autoajuda pertencem ao gênero retórico epidítico que, por meio do elogio e censura dos valores, produz a coesão e a identidade de grupos sociais.

Método e materiais

Para a realização de qualquer investigação ou pesquisa científica, torna-se necessário a execução de um bom planejamento. O planejamento deverá conter a focalização do problema e os procedimentos metodológicos a serem adotados. Para a análise das questões propostas neste estudo optou-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa. A confiabilidade e aplicabilidade dos conhecimentos reproduzidos nas ciências sociais e na educação dependem da seleção adequada de procedimentos e instrumentos, da interpretação cuidadosa do material empírico ou dos “dados”, de sua organização em padrões significativos, da comunicação precisa dos resultados e conclusões e da validação destes através do diálogo com a comunidade científica (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004).

Para a análise das questões propostas neste estudo, optou-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, que se justifica tendo em vista que ao investigar a preferência defendida no grupo de 91 professores do ensino fundamental da rede

Debates em Educação

pública do Município do Rio de Janeiro. Pela literatura categorizada de autoajuda, não se pode perceber este fenômeno como isolado, pois esse se atrela a diversos aspectos tais como, comportamentos, religião, crenças, valores, interações, pessoas, eventos, experiências, atitudes, etc. atos humanos presentes na sociedade.

Como estratégias de investigação utilizamos dois questionários sendo o primeiro com informações sócio-econômicas e profissionais, objetivando saber que tipo de livro os professores gostam de ler, os autores que se tornaram referência e que leituras mais influenciaram a sua formação como educador; o segundo questionário foi enviado por meio eletrônico objetivando caracterizar o perfil desses sujeitos. Para isso, solicitamos uma lista de cinco livros que estes recomendariam para um(a) professor(a) iniciante, justificando, pela ordem, a escolha dos mesmos.

A seguir, utilizamos entrevistas que focalizaram trajetórias profissionais, inserções sociais, professores e autores que marcaram a formação profissional e as práticas docentes dos entrevistados; 4 grupos focais em escolas diferentes e observações em diferentes livrarias, objetivando conhecer as técnicas de disposição e formas de 'apresentação ao público' da referida literatura autoajuda, acompanhamento das vendas, e as diferentes reações dos leitores diante das bancas. Paralelamente também fizemos visitas as 'lojas virtuais', via *internet*, a fim de acompanhar a trajetória dos livros indicados.

Para finalizar a coleta de dados observamos e analisamos as imagens dos 5 livros/autores mais indicados pelas professoras. Para a seleção dos livros voltados para o público empresarial buscamos os 5 livros, segundo vendas e indicações de consultores e palestrantes, voltados para o público denominado 'dos negócios', além de realizarmos um acompanhamento dos livros mais vendidos, indicados pelos principais periódicos semanais da mídia.

Análise das imagens das capas dos livros (Retórica da imagem)

Assim, de posse do material coletado foi possível estabelecer as questões que nortearam esse estudo: Por que professores optam pelos livros de autoajuda? Por que escolher determinados autores? Quais os motivos reais de suas escolhas? O que dizem estas leituras? Que sentidos são atribuídos para justificarem suas escolhas? Em que medida estas leituras contribuem nas suas práticas docentes?

Numa segunda etapa, o critério de seleção centrou-se nos 'títulos' e nas 'capas'. Segundo Santaella e North (2005, *apud*: PINHEIRO, 2006), é possível dizer da interdisciplinaridade do uso dos estudos da imagem para investigações em várias disciplinas de pesquisa, tais como a história da arte, as teorias antropológicas, sociológicas, psicológicas da arte, a crítica da arte, os estudos das mídias, a semiótica visual, as teorias da cognição e as análises retóricas.

O estudo da imagem é, assim, um empreendimento interdisciplinar. 'Vivemos no século da imagem', é o que se ouve com frequência. *Clichê* bem contestável, pois os outros séculos comunicaram-se bem mais pela imagem que pelo texto escrito. Além do mais, é raro que as nossas imagens possam prescindir do texto escrito para serem legíveis. Assim, é perfeitamente possível fazer a interpretação retórica de estátuas romanas, de ícones, de portais romanos, imagens que se vinculam ao gênero epidítico, para glória de um soberano ou Deus. Mas é normal que essa retórica se interesse mais pelas produções atuais, sobretudo pelas imagens publicitárias, persuasivas por essência.

O pontapé inicial da retórica da imagem na França foi dado por Roland Barthes, em seu artigo publicado em *Communications* no ano de 1964 (REBOUL, 2004). Pelas capas e conteúdos dos livros de autoajuda sabemos quais são seus leitores. Para Barthes, a imagem é como uma linguagem não verbal, e como linguagem, mantém relações com seus elementos internos para produzir um sentido na comunicação entre os indivíduos. O autor entende a imagem publicitária como sendo uma unidade

Debates em Educação

narrativa onde signos imagéticos e textuais se complementam para direcionar a leitura da mensagem (PINHEIRO, 2006).

Assim, o estudo das capas se tornou um excelente instrumento para análise e compreensão das representações sociais. As capas nos revelam que para os homens, o sucesso na vida empresarial predomina os argumentos vinculados à guerra, a luta diária, onde a estratégia é vencer, as táticas coadunam-se com as situações, tal como a retórica. E para as mulheres? Elas vencem com outras armas, as da sedução, outro nome de persuasão, com o parecer ser mãe ou tia, sem sexo, que sempre tem razão. Os livros expressam a dissociação do humano entre dois sexos, duas essências: a 'feminina' e a 'masculina', a relação do homem com o poder é diferente, o homem prepara-se para o poder, enquanto a mulher é mais generosa. Assim, a capa é a roupa dos livros, a quem se dirige, afirmam e reafirmam a divisão empírica da ética: a do cuidar do outro e o vencer o jogo (guerra) segundo as regras. A organização e coordenação das ações sociais requerem esse gênero, logo tem a mesma função das Representações Sociais. Quanto às visitas às livrarias, constatamos que as imagens das capas dizem e identificam algo, "vivemos em uma sociedade onde o universo visual predomina e a comunicação é realizada em grande escala a partir das linguagens não-verbais" (PINHEIRO, 2006).

As capas, como imagens epidíticas, não clamam a glória de deuses, de soberanos, mas aos grupos sociais para os quais os livros foram produzidos. Elas falam, em silêncio, o que deve ser considerado melhor, superior, desejável.

A análise das imagens das capas dos livros de autoajuda mostra que eles são dirigidos para auditórios claramente identificados, que os reconhecem como 'seus livros', aqueles que podem auxiliar os membros dos auditórios em crises pessoais e profissionais.

Diariamente, muitas pessoas olham para capas de livros e desatentas não percebem que elas influenciam suas crenças sociais, pois os valores nelas contidos recriam ou reafirmam valores, dentre eles uma construção da imagem do ser ideal (LEAL, 2006).

Debates em Educação

As capas dos livros escolhidos pelos professores permitiram observar que as imagens denotam fortes valores atribuídos ao sexo feminino defendido pelos discursos dos mesmos em que o sentido de doação e dedicação estão presentes. As análises das capas denotam que os símbolos utilizados como recursos por seus autores, demonstram os valores sustentados e defendidos por este auditório. São valores que representam sentimentos maternais, característicos da 'essência feminina'. Estes livros quase sempre contêm imagens de mulheres em representações próprias do gênero feminino e gestos que contêm qualidades das mães, como: carinho, afeto, amor. Outras vezes, são indicações e preocupações com a segurança e proteção com as crianças, como o simples ato de segurar a mão. Estas capas são 'sedutoras' e ricas de discursos presentes no campo da educação.

Outros autores estampam em suas capas símbolos específicos da mulher como flores, objetos de uso como batom, espelho e outros, como único intuito de chamar a atenção de suas leitoras. Na capa em que o autor representa a educação como ato de ensinar, utiliza como simbologia uma 'gaiola' e um lápis como um 'pássaro' capaz de libertar as crianças para o mundo do conhecimento. Mais uma vez a educação é vista com olhos da emoção, romantismo e sentimentos do gênero feminino.

Quanto ao gênero, observamos em nossas análises que havia na literatura da autoajuda dois grupos distintos de auditórios. Um destinado ao público do mercado corporativo, que são voltados para os homens, pertencentes ao segmento administrativo e têm nas suas capas, imagens que fortalecem sentidos do gênero masculino como o poder e a razão.

As imagens das capas são a representação do sucesso na vida empresarial onde predominam valores ditados pela sociedade como sucesso pessoal e profissional. As capas voltadas para o meio empresarial expressam a idéia de que para o homem ser feliz é necessário ter dinheiro. A autoajuda, neste caso, é muito mais um manual de orientações e técnicas do que um convite à reflexão ou uma espécie de conselhos para comportamentos, emoções e afetividade.

Debates em Educação

Observando as capas dos livros masculinos, é possível perceber nitidamente a distinção entre os gêneros masculino e feminino. Nas capas do meio empresarial, os recursos linguísticos são expressões de poder e existe sempre um fim, uma certeza da capacidade de realização e um futuro certo e promissor de sucesso pessoal e profissional. O mercado corporativo valorizou muito o homem organizacional, que ganhou referências e as empresas começaram a preparar seus profissionais para o mercado da competição, onde as relações pessoais e profissionais ganharam novas linguagens. Segundo Brunelli (2004), nos livros da autoajuda empresarial, raramente encontramos argumentos religiosos.

Neste contexto, é que os fortes mitos começaram a surgir através das escolas de administração e toda a literatura emergente com seus respectivos 'gurus', destacando-se o fato de que as empresas eram imortais (BERNHOEFT, 2008).

Estima-se que 70% dos leitores de autoajuda espiritual sejam mulheres, a quem por tradição cultural como também por contingência da vida moderna, cabe liderar e amparar a família nas questões da alma (REVISTA VEJA, 2008).

Os livros de autoajuda como contribuição pedagógica

Ao analisarmos o que dizem os professores em seus discursos quando enfatizam o fenômeno da literatura da autoajuda, como "ferramenta de apoio", orientadoras e auxiliares para enfrentarem os problemas nas escolas, estas se queixam das condições de trabalho, de sua desvalorização, em uma situação que pode ser caracterizada como a de desamparo.

Assim nos parece que sem contar com uma formação que os oriente para as suas práticas (tarefas) cotidianas e sentindo-se desamparadas, buscam alguma tábua de salvação. O que foi assim apresentado por diversas professoras:

Debates em Educação

[...] todas as coisas do professor é o conselho, este conselho é que defende a classe, nós não temos, não tem projeto para a classe, não tem! Então, isto é desvalorizar, o sindicato não está nem aí [...].

[...] é nos livros espíritas, os romances espíritas (Chico Xavier), tudo isso deu para mim condições de pensar no “ser”, de uma maneira mais humana. Eu não tirei dos livros didáticos, só.

[...] os livros de autoajuda também me ajudaram enquanto gente, a superar as dificuldades, porque tem horas em que você tem vontade de desistir, e você tem que buscar forças [...] (17. I).

[...] até esse Pais Brilhantes, Professores Fascinantes, são leituras que a gente vai fazendo parte... ele mostra também... agente estar com o aluno, compreender o outro, entender o outro, então eu acho que esse livro também é muito marcante... [...].

Os depoimentos citados acima reforçam o discurso dos livros, que se tornaram um instrumento a mais para ajudar os docentes em suas situações cotidianas. O que reforça para este estudo o gênero epiditico, no que os autores respondem às necessidades e interesses deste auditório, no que concordam com os valores defendidos e o principal objetivo de manter a identidade e integridade do grupo das professoras.

As professoras comparam a leitura da autoajuda a uma “formação paralela”, parece-nos que estão descontentes com os cursos de formação, identificando-a unicamente teórica e distanciada da prática. Durante a formação, segundo esses docentes, o que se aprende não condiz com a realidade dos contextos variados das escolas, é comum ouvir que “na prática a teoria é outra”:

[...]O livro de autoajuda ligado a uma formação paralela acho que é importante dizer isso, porque você esta lidando com gente, né, é um trabalho que lida com o outro e o outro tem que estar bem consigo mesmo. Você tem que estar atualizado, mesmo fora da sua formação acadêmica, você tem que estar bem [...] o professor tem que estar bem.

Quando os professores referem-se à suas formações, estes enfatizam a importância que se é dada à teoria. Contudo, quando se formam, se sentem bem

Debates em Educação

diplomados e legitimados para a função de ensinar, ficam diante das dificuldades que atravessam o ambiente aluno-professor, em que surgem pequenas dificuldades, percebem e cobram uma formação muito mais voltada para o dia-a-dia do contexto escolar. Como não recebem o retorno em forma de atualizações, cursos de extensão que contenham em seus programas as disciplinas que abordem a realidade mencionada pelos professores, recorrem aos livros e autores categorizados de autoajuda em busca de palavras, normas de conduta e apoio espiritual.

NUNES (2001 apud SILVA, 1997, p. 4) destaca:

Que as novas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito de um saber e de um fazer, fazendo surgir a necessidade de se investigarem os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos, já que a análise dos valores e princípios de ação que norteia o trabalho dos professores pode trazer novas luzes sobre nossa compreensão acerca dos fundamentos do trabalho docente, seja no sentido de desvendar atitudes e práticas presentes no dia-a-dia das escolas que historicamente foram ignoradas pela literatura educacional (e talvez possam trazer contribuições para o trabalho e a formação de professores).

Ainda que tenham sido, por muito tempo, portadores dos mais representativos valores de sua sociedade, os professores duvidam hoje de seu direito (PERRENOUD, 2000).

As professoras afirmam que as leituras e as conferências mais importantes são aquelas que lhes dizem como viver melhor, e que nem sempre o “tema” deve estar restrito ao fazer pedagógico.

Vejamos algumas falas que expressam o sentido de suas escolhas:

Eu li um livro também do Gabriel Challita que eu não sei o nome dele, que é bem legal, abre novos horizontes a respeito daquilo que você

Debates em Educação

pensa, [...] então, a gente tem que buscar livros onde a realidade seja mais próxima do que é que a gente achava que fosse a escola.

[...] como aquele autor que sempre procurava passar aquela mensagem, pra mim, de esperança, que pode ser que deve ser possível à realização dos sonhos, um mundo melhor, né? .

Ah [...] me aliviou de muitas culpas, não só como professora, mas também como mãe. Todos eles tiveram e têm o seu momento de acalanto para o professor, para a mãe, para a educadora, porque eu acho que a gente enquanto mãe e professora (ao mesmo tempo) mistura bem estes papéis com o filho.

Os livros de auto-ajuda também me ajudaram enquanto gente, a superar as dificuldades, porque tem horas em que você tem vontade de desistir, você tem que buscar forças [...].

Eu acho que tem um abismo mesmo, eles ficam falando lá do gabinete eles não sabem o que é uma sala de aula com 40 ou 45 alunos. Eu acho que eles têm razão mesmo, porque para estes caras é muito difícil chegar numa sala de aula com 42 alunos, então tem um abismo aí entre a prática e a reflexão, tanto dos professores que não lêem e não fazem a crítica da academia e o da academia que não vai até o povo ver o que realmente acontece aqui...

Em defesa dos docentes, Nóvoa (2007) afirma:

[...] não conseguiremos evitar a 'pobreza das práticas' se não tivermos políticas que reforcem os professores, os seus saberes e os seus campos de atuação, que valorizam as culturas docentes, que não transformem os professores numa profissão dominada pelos universitários, pelos peritos ou pela 'indústria do ensino' (NÓVOA, 2007, p.3).

Debates em Educação

Assim a adesão das professoras aos livros de autoajuda não deve ser visto com menosprezo, nem tão pouco como ausência de consciência profissional, pois se trata somente da reafirmação dos valores que precisam defender para sobreviver.

É neste âmbito que a pesquisa a respeito das leituras das professoras nos interessa, uma vez que espontaneamente elas indicam os livros de autoajuda, que representam um contexto interlocutivo comum em que circulam informações, imagens, palavras, identidades e afetos sustentados e defendidos no espaço da escola.

Em nossa pesquisa constatou-se que existem indicações de autores categorizados pelo segmento indicados como referências bibliográficas curriculares para cursos de formação de docentes.

A análise retórica dos livros indicados pelos docentes, desde as imagens de suas capas até a estruturação discursiva, permitiu identificar como os oradores e seus auditórios apreendem os objetos do mundo, como instituem o que julgam ser o real, o que orienta suas ações, portanto suas representações sociais.

Todos os indícios avaliados nos discursos proferidos pelas professoras nos levam a acreditar que estas profissionais, dado o acúmulo de trabalho, a falta de prestígio da profissão, salários que não compensam e uma enorme distância entre os responsáveis pela área da educação e as críticas à formação, favorecem a baixa estima. A fragilidade em que se encontram, ao que nos parece, fortalece suas escolhas pelos livros de autoajuda.

Assim, para Canem (2002) trabalhar no sentido de promover uma visão das identidades como frutos de construções, sempre provisórias e híbridas, pode ser um importante ponto em propostas curriculares multiculturais, conferindo ao professor informações que lhe permitam conhecer os universos culturais dos alunos e realizar ajustes de rota para um ensino multicultural.

Conclusões

Debates em Educação

Esse estudo teve por objetivo investigar os significados atribuídos por professores à literatura autoajuda, como leitura preferida e indicada para um professor novato. Seus resultados apontam que essa preferência deve-se ao fato de que os livros de autoajuda são os que orientam melhor e os auxiliam nas práticas diárias, diante das dificuldades da escola.

O uso da Retórica como instrumento metodológico de análise identificou que os livros de autoajuda, assim categorizados pelas diferentes mídias do segmento literário, pertencem ao gênero epidítico, pois louvam e censuram valores defendidos pelos auditórios, atendendo as demandas dos leitores segundo seus valores, crenças e atitudes.

Os resultados ainda sinalizam a existência de uma divisão nítida desses livros segundo o gênero de suas audiências: o masculino e o feminino. Assim, os livros expressam a dissociação do humano em duas 'essências': a feminina e a masculina. O homem reforça valores que se coordenam pela obediência às regras enquanto as mulheres vencem com as armas da sedução. A mulher é mais generosa e seus argumentos centram-se no cuidar. Esta divisão encontra-se expressa nas capas dos livros da autoajuda, cada qual segundo a representação social de gênero, portanto as regras e normas de conduta estão ancoradas em operadores éticos diferentes: o operador cuidar, ser responsável pelo outro, no caso das mulheres, e, no caso dos homens, em obedecer e aplicar as regras do jogo.

As capas dos livros do mercado corporativo que são àquelas voltadas para o público masculino e que representam os profissionais da área de negócios apresentam os valores centrados em argumentos vinculados à guerra (luta diária), cuja principal estratégia é vencer. As táticas utilizadas centram-se no sucesso profissional, em ser um vencedor, ganhar dinheiro.

Em relação ao grupo dos docentes, a ética defendida e expressa nos textos e nas capas dos livros de autoajuda, nos auxiliará compreender alguns impasses na formação de professores, especialmente dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que há predominância do gênero feminino. Os argumentos utilizados centram-se no

Debates em Educação

cuidar, em ser responsável pelo outro, ser benquisto e aprovado pelo afeto e não pela competência profissional, no que reforça o discurso epidítico que louva os valores sustentados pelas professoras. Esses valores são reafirmados por pesquisas realizadas sobre o tema (BARROS, 2007; ALVES-MAZZOTTI, 2007) que concluem que as professoras acentuam seu caráter de doação e dedicação aos alunos, se fortalecem em pares entre colegas de sala de aula identificando-se como 'grupos familiares' e reforçando a condição do gênero feminino.

Nos livros voltados para o setor de negócios o discurso utilizado por seus autores não difere, em muito, dos citados pelas professoras. Aqui o público é o 'homem organizacional', cujos temas estão voltados para empresas, executivos, profissionais de vendas e outros. O intuito é o mesmo: indicar normas, condutas, comportamentos que levarão seus leitores ao sucesso na carreira, tanto pessoal como profissional, em que a segurança financeira é a meta.

O objetivo deste estudo não foi o de censurar os livros, seus autores e seus leitores, mas compreender os valores, comportamentos, atitudes, emoções e sentimentos defendidos por milhares de leitores desse gênero literário.

Em resumo, Moscovici enfatiza que as representações sociais não são apenas "opiniões sobre" ou "imagens de". Mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada mais em valores e do que conceitos que "determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e regem subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas" (MOSCOVICI, 1978 *apud* ALVES-MAZZOTTI, 2000, p. 59).

Podemos afirmar que os livros de autoajuda expressam representações sociais hegemônicas a respeito do lugar social de mulheres e de homens.

No lugar social das professoras, os livros de autoajuda vêm se destacando como ferramenta pedagógica de apoio para enfrentar os problemas na escola e os desafios da nova realidade social como diversidades culturais, valores, violência escolar,

Debates em Educação

destacando-se o bullying, dentre outras, complementando como contribuição pedagógica, o currículo de formação dos docentes para a prática escolar da contemporaneidade.

Referências

ALEXANDRE, Jr, M.; **A retórica: um saber interdisciplinar**. Centro de Estudos Clássicos. Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, **Revista Rhétoriké**, 2004.

ALVES-MAZZOTTI, A. J., **Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação**. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000.

_____; **A Gênese das diferenças entre as identidades de Professores de I e II Segmentos do Ensino Fundamental**. Agencia Financiadora: CNPQ. Pesquisa concluída em 2007.

_____; GEWANDSZNAJDER, F.; **Representações Sociais de Professores da Rede Pública de Ensino Fundamental sobre sua identidade Profissional Hoje**. Agencia Financiadora: CNPQ. Pesquisa concluída em 2004.

ALVES, R.; **A alegria de ensinar**. 2000. Editora Papyrus. Campinas. São Paulo. 2000.

ANDRADE, D.; FREIRE, B. S.; **O Lugar Feminino**. Revista Coleção Educação e Psicologia, v. 8, p.102. Cuiabá: Ed. UFMT, 2007.

ASBAHR, M.; **Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças**. 2005. 175 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

BARROS, C. L. S.; **Professor, Profissão?** Em busca de Representações Sociais de Professores acerca do trabalho docente. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá; Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: www.estacio.com.br. Acesso em: 21/06/2009.

BAUMAN, Z.; **Identidade**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2005.

BERNHOF, R.; **As Empresas também morrem**. 2008. Disponível em: www.acionista.com.br/mercado/artigos_mercado/140205_bernhof.htm. Acessado em: 20/06/2009.

BIDERMAN, I. (2004); **Folha de São Paulo**. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acessado em: 06/05/2004.

BRUNELLI, A. F.; **O sucesso está em suas mãos**: análise do discurso de autoajuda. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade IEL / UNICAMP. São Paulo, 2004.

Debates em Educação

CANEN, A.; **A pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças**. Ensino: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro. V.16, n.59,p.297-308,abr./jun. 2008.

_____; **Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio. Série cultura, memória e currículo**, v.2. p.190. São Paulo. Editora Cortez. 2002.

CAWELTI, J.; Ringer to sheely to pirsig. The greening of American ideals of success. In: CLARK, T.; Ed. The self-made American bowling green (OH), bowling green. University. Press. p. 151. 1979. In: RUDIGER.; **Literatura de autoajuda e modos de subjetivação na Cultura de Massa Contemporânea**. 2006

CHAGAS, A. T. S.; **A ilusão no discurso da autoajuda e o sintoma social**. Tese. Ijuí. Ed. UNIJUÍ. Universidade de IJUI, 1999.

COVALATTI, F. (2002); **Os manuais e suas receitas**. Disponível em: <http://galileu.globo.com./educ/128rdossie5htm-2002>. Acessado em: 07/06/2009.

CURY, A.; **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro. Sextante, 2003.

_____; **Maria, a maior educadora da história: dez princípios que Maria utilizou para educar o menino Jesus**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2007.

KENNEDY, G. A.; **Comparative Rhetoric. Encyclopedia of Rhetoric**. Oxford University Press. Oxford, 2001.

_____, (1998); In: MAZZOTTI, T.; **Confluências teóricas: representações sociais, sociolinguísticas, pragmática e retórica**. 2007. Disponível em: www.metodista.br/ppc/multplas-leitura. Acessado em: 10/10/09.

LEAL, P. M. V.; **Retórica feminista: a construção da imagem do homem em capas de revistas americanas**. 2006.

Disponível em: www.faac.unesp.br/publicações/anais comunicação/textos. Acessado em: 11/07/2009.

LIMA, W.; **Ajuda de Grego**. 2004. www.revistaamalgama.hpg.ig.com.br/leituras_anterior_2.htm. Acessado em 20/07/ 2009

LOPES, C. M.; FELIZARDO, K.; RANHEL, T.; **O Discurso da autoajuda na Academia Brasileira de Letras: um estudo sobre Paulo Coelho**. 2008. 120 f. Trabalho monográfico (graduação em Licenciatura) Centro Universitário de Franca – UNI-FACET, São Paulo, 2008.

MAINGUENEAU, D.; CHARANDEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MARTHE, M.; **O astral da auto-ajuda**. Revista Veja, Edição 1.777; Rio de Janeiro, Editora Abril, 2002.

Debates em Educação

- MAZZOTTI, T.; ALVES-MAZZOTTI, A.; **Análise retórica como instrumento para a pesquisa em Psicologia Social**. No prelo. 2009.
- MOSCOVICI, S. A.; **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.
- _____, (1978); In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; **Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação, Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000.
- MYERS, M.; **Faça a sua sorte: 7 segredos de pessoas que venceram na vida**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2006.
- PATTON, (1986); In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F.; **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Ed.Thomson, 1999.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L.; **Tratado da Argumentação - A nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PERRENOUD, P.; **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- PINHEIRO, C. F.; **Dissertação**. Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. (Mestrado em educação). Universidade do Vale do Itajaí, p. 26. Itajaí, 2006.
- REVISTA VEJA; **O alto-astrol da auto-ajuda**. 2057 ed. Rio de Janeiro: Editora Abril, www.veja.abril.com.br/acervo digital. Acessado em: 23/04/2008.
- REBOUL, O.; **Introdução à Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, R.; O segredo da Autoajuda. Comunicação On-line .Cultura.2008. Disponível em: www.jornalcomunicacao.ufpr.br/node/4987/print. Acessado em: 13/10/2009.
- RÜDIGER, F., (1995); In: ASBAHR, M.; **Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças**. 2005. 175 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- _____, 1996; **Literatura de autoajuda e individualismo** (Ed.Faurgs). Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acessado em: 06/05/2007.
- SADER, E. (2008); In: REVISTA VEJA; **O alto-astrol da auto-ajuda**. 2057 ed. Rio de Janeiro: Editora Abril, www.veja.abril.com.br/acervo digital. Acessado em: 23/04/2008.
- SANTAELLA; NORTH, (2005); In: PINHEIRO, C. F.; **Dissertação** (Mestrado em educação) Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Universidade do Vale do Itajaí, p. 26, 2006.
- TIBA, I. **Seja feliz meu filho**. São Paulo: Editora Gente, 1995.